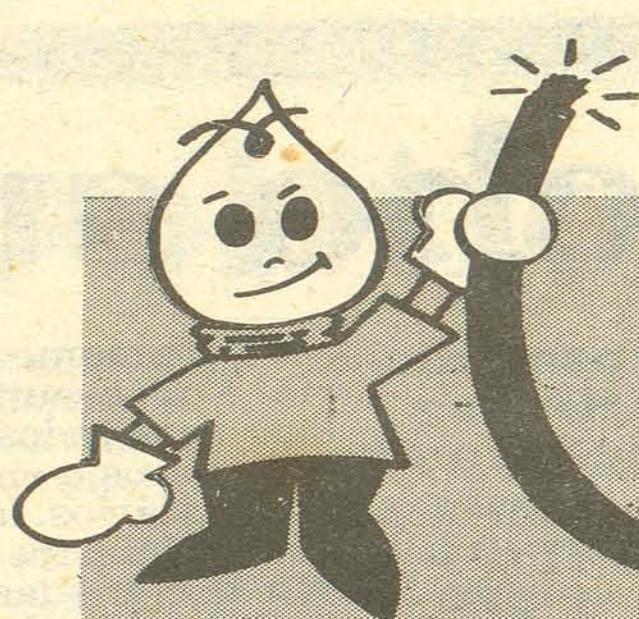




Intersindical dos Eletricitários SC

Linha viva

SETOR ELÉTRICO
VIOLÊNCIA
As punições continuam

11/10/90

Nº 111

Campanha Salarial começa a esquentar

Plenária discute Campanha Salarial da Eletrosul e decide adotar somente a Pauta Unificada Nacional

Cerca de 90 empregados da Eletrosul participaram da Plenária de Base realizada no último dia 7, em Florianópolis. Eles chegaram de todas as regiões abrangidas pela Empresa para discutir a Campanha Salarial de novembro.

A Plenária fez uma discussão ampla de todo o processo de mobilização dos eletricitários, tendo como ponto de partida a avaliação da greve de agosto. A principal resolução do encontro foi a definição de que a pauta de reivindicações deste ano será somente a pauta unificada nacional (veja síntese ao lado). Esta deliberação se embasa na preocupação de não diluir a força da mobilização nacional obtida com a greve.

O item da pauta de "manutenção dos direitos do acordo anterior" abrange, na verdade, as questões mais específicas de cada empresa. Por outro lado, a conjuntura exige

Pauta Unificada 1990

- 1 — Anistia aos empregados punidos
- 2 — Defesa ao patrimônio e da função pública, democratização e recuperação do setor público
- 3 — Reajuste automático de salários pelo IPC
- 4 — Aumento real/produtividade (11,8%)
- 5 — Reposição Salarial
- 6 — Piso salarial unificado calculado pelo DIEESE
- 7 — Abono por perda de massa salarial
- 8 — Concurso público
- 9 — Compatibilização dos planos de cargos e salário e tabelas salariais
- 10 — Manutenção dos direitos do acordo anterior



Eletricitários de 4 estados participaram do encontro

que as pautas sejam enxutas e concisas, para evitar a dispersão das discussões e fechar os espaços para eventuais "enrolações".

No dia 5, a Eletrobrás recebeu a pauta unificada das mãos do Comando Nacional. Está sendo pleiteada a primeira reunião de negociação para o dia 11, após a reunião do Comando que ocorre dia 10.

A Plenária definiu que a pauta de reivindicações fosse entregue à Eletrosul no dia 9. A partir do dia 16 os sindicatos começam a percor-

rer as suas bases discutindo com a categoria. Estão previstas assembleias para o período entre 22 e 26 de outubro, para avaliação do desenvolvimento do processo.

A Plenária deliberou também sobre a indicação de mais um sindicato para a executiva do Comando Nacional. Atualmente já há um representante do Sinergia e um do Sinergisul. A terceira vaga da Intersul será ocupada por um representante do Sindicato do Mato Grosso do Sul.

TEM QUE MOBILIZAR

Negociações com a Celesc reiniciam hoje

Serão retomadas hoje (quinta-feira) as negociações entre a Celesc e a Intersindical. Agora é a vez de tratar de questões "quentes" como a correção salarial, o abono de curva salarial, o triênio, o incentivo à aposentadoria e o auxílio aposentadoria. Estas questões não foram contempladas no Acordo Parcial, que foi assinado na semana passada e que garantiu, além da data-base, muitos direitos adquiridos (veja quadro).

Na verdade a parte das negociações que se inicia é a que merece maior atenção dos eletricitários, pois questões como o salário estarão em jogo. A Delegacia Regional do Trabalho poderá continuar median- do as negociações.

Para a Intersindical, a maior

preocupação é o grau de mobilização da categoria. "Agora já passou a eleição e as coisas estão mais definidas, e o jogo, como se previa, pode endurecer", preocupa-se Arno Cug-

nier, diretor do Sinergia. O sindicalista acredita que nesta fase da campanha salarial a participação da categoria em assembleia e mesmo nas discussões de corredor e mobiliza-

ções pode decidir. Ele lembra da assinatura do acordo de maio quando uma concentração de celesquianos na frente da Empresa — em pressão direta — assegurou a assinatura.

Pontos do Acordo Parcial já assinado

- | | |
|---|---|
| 1 — Garantia no emprego (1 ano) | 10 — Ausências justificadas |
| 2 — Não desconto do Imposto Sindical | 11 — Auxílio alimentação |
| 3 — Manutenção da data-base | 12 — Auxílio creche |
| 4 — Produtividade (4,01%) | |
| 5 — Reajustes mensais (negociações em janeiro, abril e julho) | 13 — Auxílio odontológico |
| 6 — Eleições na Fundação Celos | 14 — Piso Salarial (24,5 mil em setembro) |
| 7 — Auxílios excepcionais | 15 — Auxílio estudante |
| 8 — Gratificação anual (75% em 3 parcelas) | 16 — Manutenção em rubrica separada |
| 9 — Liberação de dirigentes sindicais (manutenção) | 17 — Adicional de penosidade (1%) |
| | 18 — Revisão normativa |
| | 19 — Turno de revezamento |

A mesma preocupação tem Isaltino Pedron, Presidente do Sindicato dos Eletricitários do Vale do Itajaí, que diz que o fato da defasagem salarial ter sido um pouco escondida pela implantação do Plano de Carreira não pode desmobilizar os celesquianos. "Nós conseguimos coisas que são direitos antigos que estavam ficando para trás, mas a situação salarial não é boa, e pode ficar pior se não houver mobilização", conclui Isaltino. **Leia mais sobre a situação dos salários na Celesc na página central.**

VIOLÊNCIA

As punições continuam

Enquanto houver um eletricitário punido por ter exercido o seu direito de fazer greve, o **Linha Viva** vai trazer no seu logotipo um selo denunciando a violência que está sendo cometida contra os trabalhadores do setor elétrico. Logo após o fim da greve nacional, as empresas distribuíram punições arbitrárias por todo país com o propósito de desmantelar a organização atingida pela categoria, impedir a manutenção de conquistas trabalhistas e, acima de tudo, liquidar com o direito de greve.

Na Chesf ocorreram 150 punições e 12 demissões. No Ceará, houveram duas demissões, 9 suspensões de 15 a 30 dias, cinco dirigentes sindicais estão com o contrato de trabalho suspenso. Em Pernambuco, 20 empregados foram demitidos e 115 punidos. Em Sergipe, não há números exatos mas, operadores foram suspensos. Na Light, há 40 suspensos, 10 demitidos e um contrato de trabalho de sindicalista suspenso. Na CEB, dois dirigentes sindicais foram demitidos por justa causa. Na área da Eletro-norte também houve retaliações. No Amazonas, há 46 suspensões e uma advertência. No Acre, há suspensões e o presidente do sindicato está com o contrato de trabalho suspenso. No Distrito Federal, há 100 pessoas punidas e três diretores do sindicato com o contrato de trabalho suspenso. No Pará, três empregados foram demitidos e seis estão com o contrato de trabalho suspenso. Em Rondônia, ocorreram duas demissões. Em Roraima, há duas suspensões e nove advertências. No Maranhão, um delegado está com o contrato de trabalho suspenso, houve duas demissões por justa causa, 10 suspensões e 60 advertências. Em FURNAS o quadro se repete. No Rio de Janeiro, 28 empregados receberam suspensões de 10 dias e um foi advertido. Em Brasília, dois operadores foram demitidos, há duas suspensões e quatro empregados com inquérito na polícia federal. No sul de Minas, há uma suspensão e um contrato de trabalho suspenso. Outro contrato foi suspenso em Vitória.

A Eletrosul também foi atingida pelas medidas arbitrárias. Esquecendo o acordo firmado com o Comando Nacional, que garantia a efetiva apuração dos fatos com di-

reito à defesa antes de qualquer punição, a Eletrosul demitiu o representante sindical João José de Cascaes, distribuiu 13 advertências, 10 suspensões de 30 dias, 12 suspensões de 10 dias e dois contratos de trabalho suspensos. Estão nessa última situação, que equivale à demissão, o presidente do Sinergia, Mauro Passos e o diretor Delman Ferreira.

A CUT já afirmou que uma das precondições para comparecer ao "entendimento nacional" é a anulação dessas punições. O Comando Nacional incluiu na pauta unificada do setor elétrico a seguinte cláusula: reversão das punições. Os sindicatos, por sua vez, estão tomando todas as medidas judiciais cabíveis. Para todos os empregados do setor elétrico, o fim das punições é a primeira das reivindicações. Por isso, na região Sul os empregados da CEEE e Celesc aprovaram solidários o desconto de Cr\$ 200,00 no salário de outubro, para garantir a remuneração dos punidos até novembro.

Segundo fontes seguras e dados de depoimentos prestados em inquéritos, alguns gerentes da Eletrosul podem ser considerados os responsáveis diretos pelas punições. São eles: Maurício Megliollaro Calaes e César de Barros Pinto. Suas declarações destacaram-se nos casos da suspensão do contrato de trabalho de Mauro e Delman. Segundo as fontes citadas, o depoimento de César de Barros Pinto, chefe do DGH, incriminou taxativamente Cascaes, que foi demitido por justa causa. A mesma firmeza foi usada por César em Assembléia para defender a deflagração da greve, o fechamento da BR-101 e da ponte Hercílio Luz. Contraditoriamente, durante a greve, ele preferiu utilizar um táxi aéreo para viajar com a polícia federal, a fim de pressionar os empregados da usina de Passo Fundo.

Há muitas outras contradições a serem relatadas, como a do empregado que havia sido suspenso 30 dias, mas teve seu caso revisto e acabou com uma advertência. Os disparates e truculências que originaram as punições encontram como obstáculos a solidariedade e a união dos eletricitários, que estão demonstrando sua disposição de reverter toda esta violência.

SERVIDOR ESTADUAL

Greve continua com força

As eleições mudaram o nome do patrão no Governo do Estado de Santa Catarina. Para os servidores, porém, a cara continua a mesma. Eles passaram o mês de outubro em greve e o presidente do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Estadual (Sintesp), Antônio Battisti, afirma que com a vitória da União Por Santa Catarina (PDS, PTB, PDC, PSC, PL e PFL) "teremos a reprodução declarada do Plano Collor por aqui. Com Casildo (PMDB) havia um disfarce".

Os servidores estão em greve desde o dia 18 de setembro por 111% de reajuste salarial, além de uma série de reivindicações, já que se encontram em plena data-base. O Governo, desde o início, não quis negociar a reposição salarial. O governador Casildo Maldaner decidiu pelo desconto dos dias parados antes mesmo que esta medida fosse possível administrativamente. No mesmo dia, 25 de setembro, resolveu sair do Palácio e protestar-se numa manifestação de mais de mil pessoas. Não ouviu o Comando Unificado dos servidores e acabou levando como lembrança muitas vaias e protestos. Sentiu-se ofendido como autoridade e designou uma comissão para identificar seus agressores morais.

Revoltados com os descontos, vários servidores ocupam a agência Ilhéus do Besc, desde 4 de outubro, em Florianópolis e só saem de lá com o dinheiro de volta nas



Maldaner discute com Battisti

contas. Os servidores ganharam liminar na Justiça pela devolução do dinheiro retido. No dia 5, sexta-feira, foi a vez do Comando Unificado ocupar a Secretaria da Fazenda para fazer valer a liminar para todos os trabalhadores no serviço público. Ficaram lá das 9 às 20 horas.

A greve dos servidores continua por tempo indeterminado. No dia 9 eles resolveram montar acampamento em frente ao Palácio SC para cobrar diariamente do governador a dívida com o funcionalismo. Antes que ele passe a bola para Wilson Kleinübing, "Dívida dos outros quem é que paga?", costuma perguntar os servidores.

Linha Viva é uma publicação semanal da Inter-sindical dos Eletricitários de Santa Catarina que tem 7500 exemplares. Diretor Responsável: Glauco Marquês. Editores: Casildo Cascaes (DRT F-5.6166) e Rosângela Bion (DRT SC1019). Diagramação: Vera Rotta. Ilustração: Franck Maia. Im-

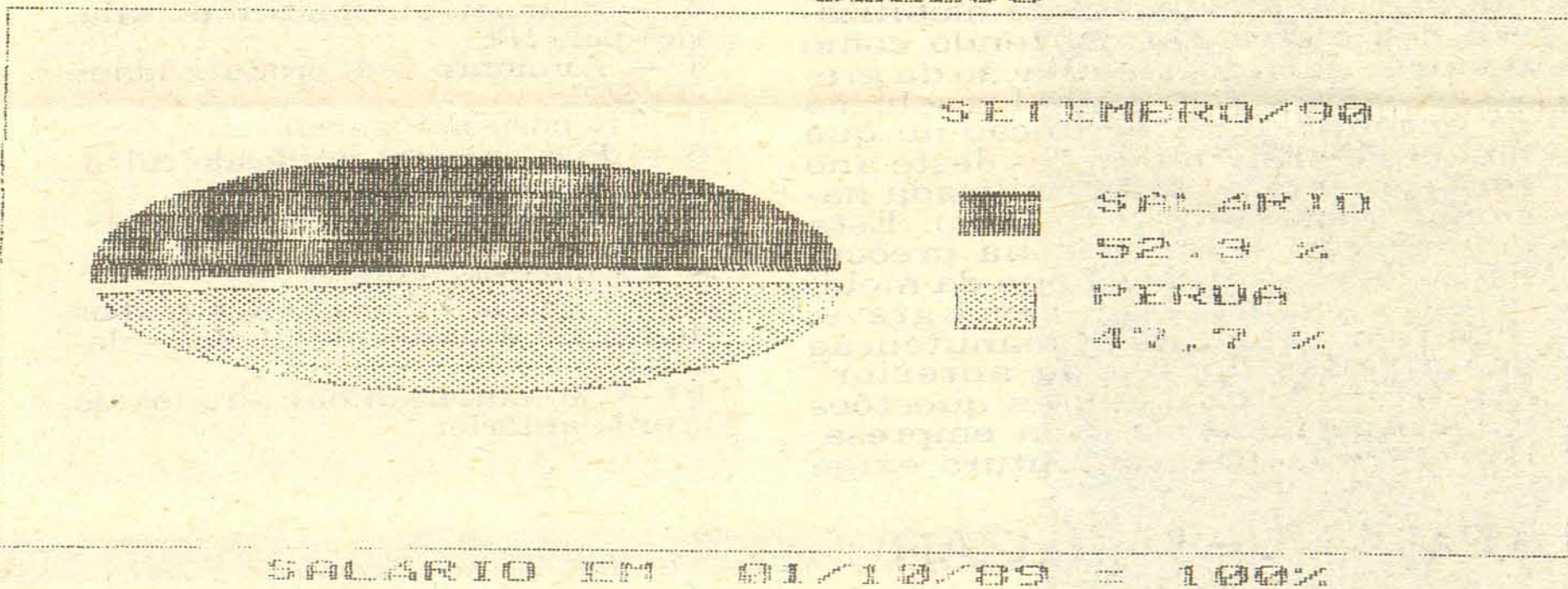
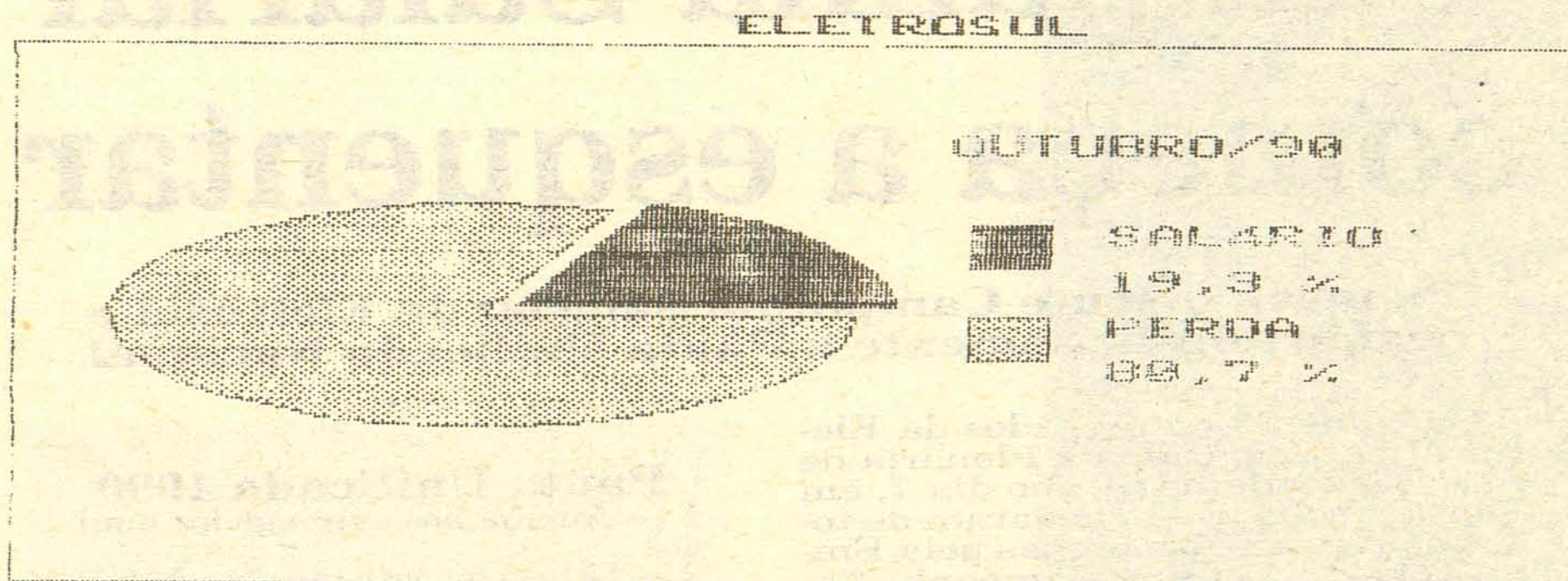
pressão: Gráfica do jornal **O Estado**. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 21. Fpolis-SC. Ione: (0482) 22-3866, telex: 481555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente a opinião do jornal.

TRABALHADOR PERDENDO

Arrocho sustenta política Collor

Seis meses após a implantação do Plano Collor, o DIEESE faz uma nova análise das medidas adotadas pelo Governo. Agora a inflação acumulada já supera os 300% e os eletricitários se preparam para recuperar as perdas salariais, que na Celesc são de 91% e na Eletrosul 410%.

Clóvis Scherer
Economista do DIEESE



ALTA TENSÃO

Jornalista faz protesto "pirata"

Quem observou com atenção a cobertura das TVs nas eleições pode ver que nos boletins ao vivo transmitidos no dia da votação, volta e meia as câmeras fugiam de cartazes que apareciam atrás

dos repórteres. Era um protesto do Sindicato dos Jornalistas tentando denunciar a exploração que as empresas exercem sobre estes profissionais. Em média um repórter ganha 23 mil hoje. A RBS providenciou uma equipe de "leões-de-chá-cara" para "caçar" os cartazes, o que fez com que os telespectadores assistissem a verdadeiras brigas no ar. Os jornalistas acharam uma forma criativa de colocar a boca no trombone.

Neste momento a questão salarial é um assunto de primeira ordem para todos os trabalhadores brasileiros e em especial para os eletricitários. Isso porque este último trimestre é a ocasião de se renegociar suas condições de trabalho, aí incluídos os salários. Essa renegociação vai acontecer diante do maior arrocho salarial dos últimos 50 anos. Então todos se questionam — será possível recuperar o poder de compra do

ano passado? Para responder essa dúvida é preciso deixar bem claro a importância da atual política salarial na conjuntura econômica que vivemos.

No primeiro plano da conjuntura está o Governo Federal, executando suas medidas de combate à inflação e reformas direcionadas à implantação do neoliberalismo no país. Para combater a inflação, o governo usou e ainda usa medidas como: arrocho salarial, controle do déficit público, redução da moeda em circulação, liberação do comércio externo e neste último mês acena também com o controle dos cartéis. O conjunto dessas medidas faz parte de uma estratégia recessiva.

O arrocho salarial tem sido o principal instrumento de política econômica adotado pelo governo. Ele foi implementado com a adoção da prefixação zero, do fim dos reajustes automáticos mensais, da reposição das perdas na data-base pela média salarial e com veto da lei Salarial do Congresso. Essas medidas tornam evidente a intenção do governo em manter o arrocho para diminuir os custos operacionais das empresas e também o consumo de modo a reduzir as taxas de inflação.

O governo aumentou suas receitas e diminuiu seus gastos, especialmente pela desvalorização de sua dívida, pela suspensão do serviço da dívida externa e pela redução da despesa com pessoal (arrocho e demissões). O controle da moeda, particularmente de junho a agosto, dificulta a concessão de crédito ao consumidor e força a redução dos investimentos das empresas. A liberação do comércio externo não tem surtido efeito significativo porque a recessão tem inibido o aumento do

volume de importações.

As antecipações salariais conquistadas pelos trabalhadores não conseguiram eliminar as perdas. Por exemplo, no caso da Celesc, mesmo com as antecipações que chegaram aos 140,92%, na data-base o reajuste necessário é de 91%. Na Eletrosul a reivindicação de correção salarial chega a um número aparentemente absurdo — 410%. E mais absurda ainda é a atual legislação, que retruca com reajustes na data-base — de 1,24% e 116,19% para a Celesc e Eletrosul, respectivamente.

E certo que tal política salarial não pode ser implementada sem o enfraquecimento dos trabalhadores e do movimento sindical. Disto se encarregou a própria recessão. A ameaça de demissão traz consigo a deterioração do mercado de trabalho. Uma pesquisa de emprego realizada pelo DIEESE/SEADE, em São Paulo, mostra uma queda de 20% no salário real desde o plano Collor, associada a um aumento de 25% no índice de desemprego.

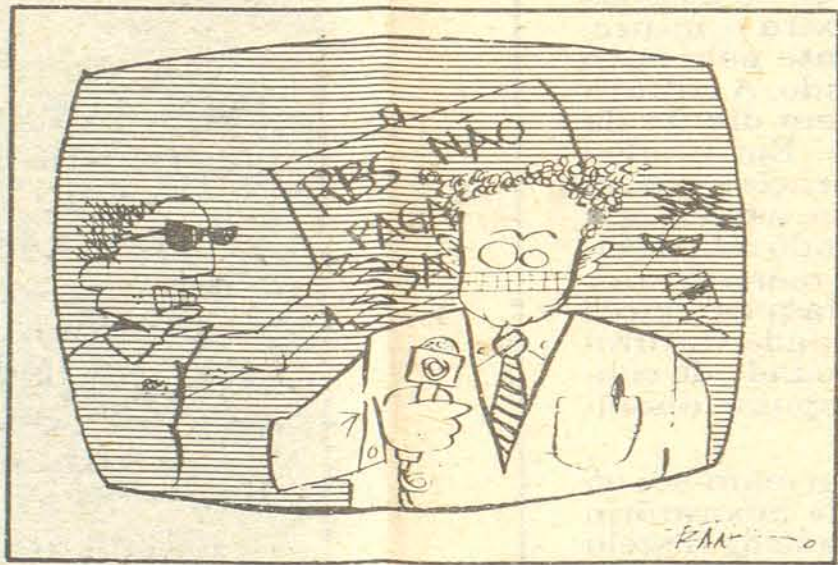
Para os trabalhadores em estatias federais a política econômica também significa demissões. O governo tem agido com se a despesa com pessoal fosse a causa do déficit. O exemplo do setor elétrico desmente tal raciocínio. Em março as despesas com pessoal significavam 22,8% da arrecadação do Grupo Eletrobrás, em junho, o arrocho já tinha reduzido pela metade tal índice. Mesmo sem colaborar para a solução do problema, a reforma administrativa permite às empresas margem de manobra para administrar as demais pressões de gastos, como as de caráter financeiro.

Por outro lado, os empresários

chegaram a argumentar que "são eletricitários por força da circunstância, mas na verdade são mesmo é secretárias". E o que dizer dos engenheiros, administradores, técnicos, economistas, contabilistas, etc... que também atuam em empresas de energia elétrica? O sindicalismo praticado pelo sindicato das secretárias, essencialmente corporativo, é um dos fatores responsáveis pelo atraso das lutas dos trabalhadores em todo o país.

Intersul prepara jornal unificado

A Plenária de base da Intersul tomou uma definição importantíssima: caminhar para um jornal unificado dos eletricitários do sul do país. A ideia é ter um veículo próprio da categoria, que dê conta de informações de todas as empresas, de todos os estados. O primeiro



Divisionismo na campanha salarial

O divisionismo do Sindicato das Secretárias voltam a aparecer na Campanha Salarial da Eletrosul. Mais uma vez a entidade aparece com uma pauta paralela querendo negociar em separado. Numa assembléia, diretores da entidade

EM DEFESA DO leitor

César Valente
Jornalista

Traduzir é preciso

Quando li pela primeira vez "*Plenária vai fechar a porta*", levei um susto. Não entendi e voltei a ler: "*Plenária vai fechar a pauta*". Bom, continuei sem entender muito bem, mas já não estava tão assustado. Um dos principais riscos da imprensa sindical é assimilar o jargão. Épa! Por favor desculpem, "*assimilar o jargão*" também é de matar. Isso acontece muito, nas melhores famílias. A convivência com um certo número de expressões, termos, vocábulos, torna-os tão familiares que às vezes esquecemos de traduzir, de simplificar.

Parece perfeitamente lógico que um jornal sindical publique, logo abaixo de uma cartola "*Campanha Eletrosul*", o título "*Plenária vai fechar a pauta*". Todo mundo que tem participado de assembleias, reuniões... "plenárias", terá conseguido ler tal título sem susto. Mas este é precisamente o desafio de um jornal que não quer ficar restrito aos militantes, que parece ter muita vontade de transformar-se em veículo de comunicação. Fugindo das amarras dos boletins informativos sindicais.

Todo dialeto, todo jargão, profissional, familiar, partidário, é uma forma de simplificação que pode empobrecer a comunicação, isolar o grupo que o utiliza. Embora essas frases quase cifradas possam facilitar o entendimento dentro do grupo, criam barreiras tanto para que a informação circule quanto para o ingresso de novos militantes.

Dizer que "o Comando deve ter a perspectiva de um enfrentamento mais global" pode ser correto. Mas não é simples, não é fácil e portanto não é jornalisticamente correto. E embora este **Linha Viva** tenha conseguido fugir bravamente da maioria das armadilhas do jargão sindical, é preciso estar em alerta permanente. Reduzir ainda mais os tropeços e apurar a linguagem, pode ser "um bom momento desse processo", "em função dele configurar-se como marco de início". Certo?

No **Linha Viva** da semana passada procurei bastante mas não encontrei a nota a que o asterisco ao lado do número do jornal se referia. n.º 110?*

O incidente que envolveu uma jornalista a serviço de um jornal sindical e assessores do governador de Santa Catarina deixa bem claro o nível de preconceito e desinformação das assim chamadas "elites dirigentes".

Um jornal é considerado mais jornal ou menos jornal dependendo de quem seja seu proprietário. Uma entidade sindical pode até publicar um jornal ou revista, mas seus jornalistas certamente serão considerados militantes, ativistas e indignos de compartilhar a sala com seus colegas, jornalistas cujos padrões tenham sobrenomes conhecidos. Esta interpretação ofensiva — e burra — foi assumida em pleno Palácio Governamental. Lugar que deveria abrigar pessoas com uma compreensão um pouco mais abrangente do que é público, do que é privado. E principalmente de que o acesso à informação é um direito internacionalmente assegurado. Mesmo que quem esteja buscando a informação pretenda apenas publicá-la em um simples jornal sindical.

Comunique-se com o "advogado do leitor" escrevendo para **Linha Viva** - Defesa do Leitor, no seguinte endereço: rua Lacerda Coutinho, 21 - Fpolis, ou encaminhando a correspondência pelo seu Representante Sindical.

Eric Clapton: o mágico, as guitarras e encruzilhadas

LINHA aberta

O “deus da guitarra” chega ao Brasil e desfaz o mito de que só estrelas decadentes vão aos palcos do terceiro mundo. Clapton vem com tudo: blues, rock e a competência de um dos maiores músicos de nossos dias.

Gastão Cassel
Da equipe Linha Viva

Quando a guitarra de Eric Clapton soar em Florianópolis, corações de pelo menos duas gerações vão estremecer. Para alguns será a oportunidade de ver o “bluesman” do início dos anos 60, para outros a chance de ouvir o jazz-rock do velho grupo *Cream*, outros vão querer encontrar o mito do pop-rock ou se encantar com canções expressivas e melodias fortes. Todos vão encontrar o “monstro sagrado” da música contemporânea, o grande guitarrista, o intérprete genial.

Este inglês, nascido a 50 quilômetros da Londres arrasada pelos nazistas, em 1945, por muito tempo foi considerado um purista musicalmente. Logo que iniciou sua carreira, tocando em cafés e *pub's*, Clapton só reconhecia a música negra, especialmente o *blues*. “Se não fosse música negra era lixo”, declarou a uma revista inglesa. Seu rigorismo e sua intransigência, aliados à habilidade de instrumentista e uma enorme criatividade o impulsionaram a ser um revolucionador pela maneira de fazer *rock*. A música típica de concertos barulhentos e repletos de adolescentes passou a ser analisada com o mesmo rigor que a crítica especulava sobre o *jazz* ou

o *blues*. Eram os anos 60 e o grupo *Cream*.

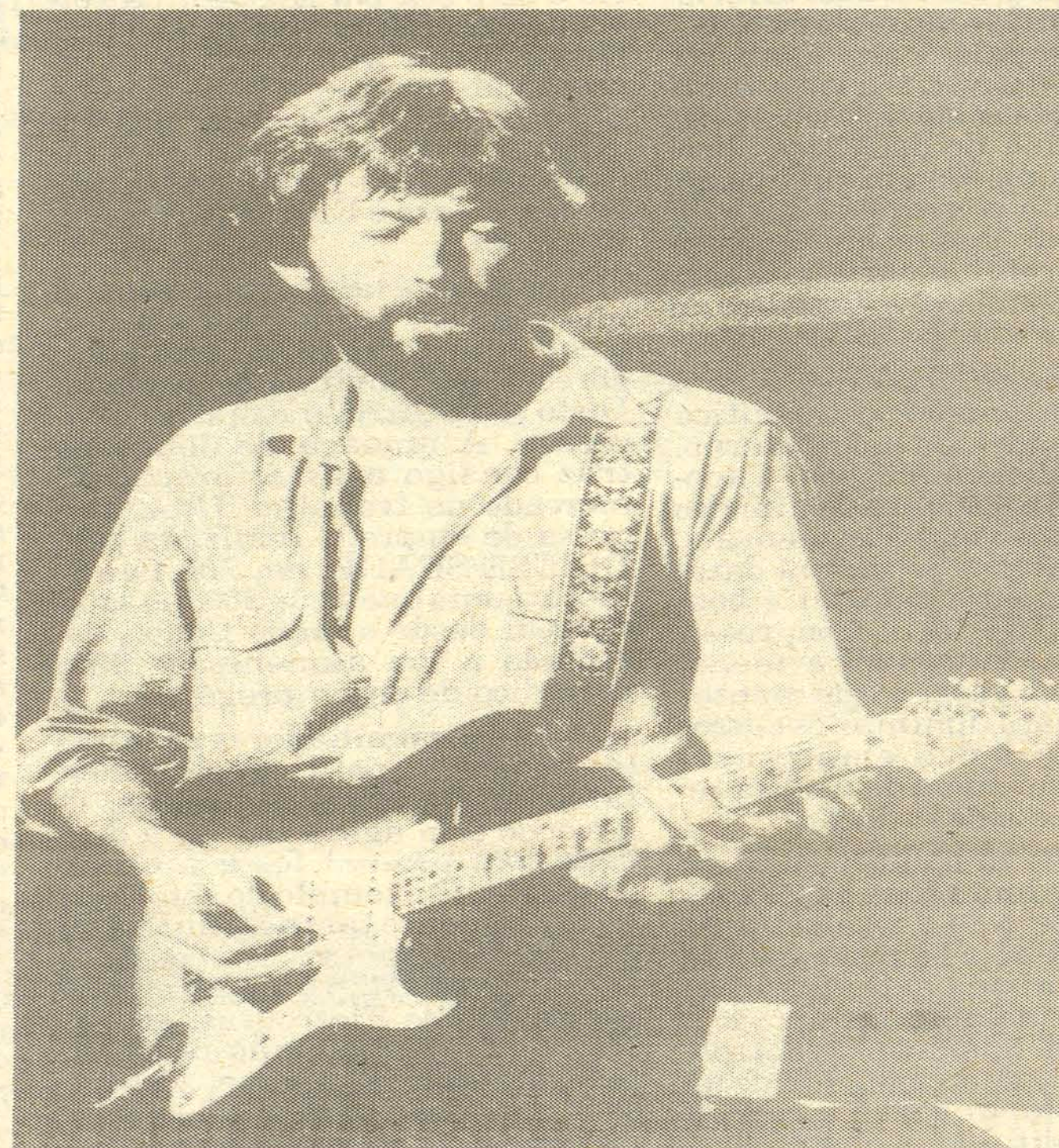
Eric Clapton negou-se sistematicamente a ceder às tentações comerciais do estrelato, procurando manter-se sempre fiel ao modo sensível de fazer e interpretar música. Mesmo com uma incursão prolongada por dentro do gênero *pop*, a qualidade harmônica e melódica de suas composições ganhava destaque no meio das prateleiras repletas de música “pasteurizada”, nos anos 70.

Se fossemos contar a trajetória musical de Clapton em detalhes, teríamos que falar de muitos músicos e muitas bandas famosas. Sempre inquieto e perseguidor de sua própria identidade, que ele afirma ter perdido na infância, ao saber que as pessoas que ele tinha por pais eram na verdade sua avó e o padrasto de sua mãe, criou e desmanchou bandas, teve parcerias diversificadas. Jamais deixou de ceder a qualquer impulso... e transformá-lo em música.

“Minha filosofia básica sobre o fato de fazer música” - declarou Clapton à revista *Rolling Stone* — “é que você pode reduzir tudo a uma nota, se esta for tocada com o tipo certo de sentimento, e com o tipo certo de sinceridade”.

Considerado o melhor guitarrista dos anos 80, Clapton travou muitas batalhas consigo mesmo, seja em conflitos de ordem emocional (como a paixão pela mulher de seu amigo George Harrison), seja no assédio constante dos empresários, seja na superação da dependência às drogas. Mas, a sua tempestade interior o conduziu por caminhos musicalmente ricos, que testemunham de maneira universalizante sentimentos como a paixão, a angústia, a depressão, a euforia ou qualquer coisa que se possa sentir.

Não é à toa que Encruzilhada (Crossroads), música de Robert Johnson, é uma das mais executadas na carreira de Clapton. Ele sempre se sentiu numa encruzilhada, com decisões a tomar. A julgar por sua música, quase sempre acertou o caminho. A música e a guitarra foram para ele instrumentos de afirmação e busca. Pelo menos é o que se deduz da sua declaração à revista *Musician*, em 1986: “eu acho que o supremo herói da guitarra deveria ser um distribuidor de sabedoria, assim como de qualquer coisa mais... e é isto que eu diria que ainda busco, além da perfeição como músico: a conquista da sabedoria, em qualquer quantidade”.



Concurso de Logotipo na sua etapa final

Cerca de 40 logotipos foram inscritos para concorrer ao concurso que vai escolher a marca do Sinergia. Nesta sexta-feira haverá reunião da comissão julgadora para iniciar a seleção. O resultado deverá ser divulgado no dia 15 de outubro. Os prêmios serão entregues no dia 19 em uma festa cultural cujo local ainda não foi definido.

Na avaliação da diretoria de cultura do Sinergia, o número de inscrições é extremamente positivo e revela a disposição da categoria de participar ativamente da sua entidade.

Livros & Livros

DO LIVRO NOVO AO USADO
COMPRA — VENDE — TROCA

Rua Deodoro, 13 - sala 2 - sobrelajeira
Fone: (0482) 22-1244. Caixa P. 3364
88.010 - Florianópolis - SC.

NOVA LOJA: Hall do Centro de Cien -
ciat Humanas - UFSC.

Oktoberfest e cultura de massa

Luiz Césare Vieira
Empregado da Celesc

Na maioria das ações humanas os efeitos e os resultados alcançados diferem substancialmente das intenções originais de seus protagonistas. É que no desenrolar de cada processo variáveis não premeditadas interagem com o todo resultando uma série imprevisível de causas e efeitos. Um caso exemplar deste tipo de desencadeamento é a Oktoberfest. Inicialmente destinada a distrair a comunidade blumenauense vitimada pelas desgraças da enchente esta festa em poucos anos iria se transformar num evento de âmbito nacional. Um questionamento inicial na análise de tal fenômeno nos remete ao motivo pelo qual um milhão de pessoas, das mais diferentes regiões do estado e do país, deslocam-se nessa época para Blumenau enfrentando crise econômica, estradas perigosas, congestionamento de trânsito e multidão.

A reposta imediatista acena para o tradicional chavão de que o povo brasileiro é festeiro, que a festa teria atrações irresistíveis como o chopp e a comida tradicional, ou que é apenas um modismo passageiro que atrai uma população ávida por novidades. Estes tipos de respostas são superficiais, lacunares, não contemplando a complexidade da questão.

A Oktoberfest é, antes de tudo, um fenômeno moderno explicado estruturalmente pelo mundo contemporâneo através da sociedade de massas e seu preposto: os meios de comu-

nicação de massa, principalmente a TV e os jornais diários. Somente estes meios de comunicação são investidos de capacidade de deslocar multidões para os novos santuários, que multiplicam-se pelo estado e país. Mas, apesar de seu poder manipulatório e padronizador de hábitos e vontades, a TV e os jornais não explicam totalmente esta migração à Alemanha brasileira. As pessoas quando dirigem-se a Blumenau procuram algo mais além de chopp e salsicha. Anseiam por “estarem juntas”, por integrarem-se num sentimento de nostalgia à comunidade perdida. Este tipo de experiência que reaglutina as pessoas, resgatando-as mesmo por poucos dias de um cotidiano selvagem, onde todos são concorrentes entre si, este oásis inebriante, paraíso no caos, esta intersubjetividade é o que constitui o chamado espírito da festa.

A apenas alguns anos atrás as pessoas nasciam e se formavam enquanto indivíduos em comunidades bem definidas, contendo uma hierarquia de valores e uma tradição a ser seguida por todos. O mundo, na força desta tradição era voltado para o passado e os mais velhos eram respeitados pela sabedoria acumulada.

Hoje a tendência tem sido o abandono das comunidades locais em detrimento do crescimento progressivo das grandes cidades. As pessoas nesta nova vida solitária e fragmentada perdem o vínculo com as comunidades antigas. Este desprendimento e disponibili-

dade é o que os torna suscetíveis de absorção dos valores da burguesia transmitidos aos quatro ventos via indústria cultural e os meios de comunicação de massas. Agora, desvinculados das raízes do passado, as pessoas são remetidas freneticamente para o futuro. A busca e a adaptação incessante pelo novo são características de nosso mundo. A cultura e a tradição populares sucumbem diante da cultura de massa e de consumo. Em Blumenau, aquela empatia com as gerações passadas, a tradição propriamente dita, a nostalgia proporcionada pelas músicas. Tudo isto desaparece num mar de pessoas e mercadorias. O uso de chapéus e outros badulaques típicos remetem mais à moda e é novidade (futuro) que a tradição (passado). A sociedade de consumo interage com a cultura popular dissolvendo-a.

Os pavilhões da Proeb transformam-se, no mês de outubro, numa espécie de laboratório sociológico, onde é vetada a entrada do flagelo cotidiano. No primeiro caneco de choppão são suprimidos todos os conflitos entre classes. Na diversão coletiva a utopia socialista e religiosa de confraternização universal e na harmonia plena entre homens e mulheres é concretizada por alguns instantes. A limpeza dos salões, transformada pela mídia em um estábulo à parte não é nada mais que uma metáfora, contrastando com o mundo injusto e sujo de lá fora. Neste sentido a festa teria um papel de válvula de escape com objetivo de exaurir a potencialidade revolucionária das massas.